

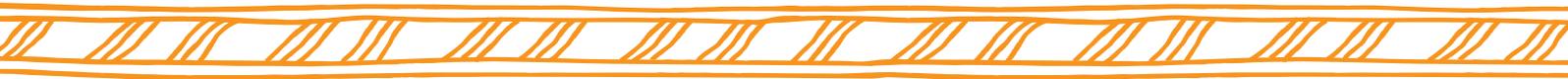
A aldeia Jeju

A aldeia Jeju, liderada por Dona Maria Francisca da Silva fica distante cinco quilômetros da sede do município de Santa Maria do Pará e está localizada às margens da rodovia BR-316, no sentido Capanema a Bragança (municípios circunvizinhos de Santa Maria do Pará). De acordo com o censo realizado em 2014, pela *Associação Indígena Tembê de Santa Maria do Pará (AITESAMPA)*, possui 72 famílias e um total de 287 pessoas. Conforme explica Almir Vital da Silva: “... a maioria dos Tembê trabalha mesmo é na roça dos não indígenas, capinando, roçando... quando acontece de alguém adoecer, fica difícil, se compra comida fiado na venda para pagar quando puder voltar a trabalhar”.

Grande parte das famílias sobrevive em condições precárias pela falta de terra para o plantio, principal fonte de subsistência. Sem opções, as pessoas trabalham para os não indígenas, recebendo diárias como forma de pagamento do trabalho braçal. Algumas famílias fazem artefatos (artesanato) para comercialização. A capitoa, Dona Maria, é uma das pessoas experientes na produção de artefatos, mas a escassez de sementes, cipós, penas, entre outros materiais utilizados, tem causado a diminuição da produção, conforme nos explica a interlocutora.



A maioria dos Tembê trabalha mesmo é na roça dos não indígenas, capinando, roçando... quando acontece de alguém adoecer, fica difícil, se compra comida fiado na venda para pagar quando puder voltar a trabalhar”



Outras famílias sobrevivem dos recursos procedentes da venda de produtos oferecidos nas barracas instaladas às margens da rodovia, como é o caso da família de Almir e do seu tio, senhor Edimilson Jesus Moreira que comercializa frutas e produtos regionais como: cupuaçu, castanha-do-pará, banana e derivados de leite como coalhada e queijo. Alguns produtos são adquiridos no próprio município como a banana e o coco verde, enquanto a maioria das hortaliças e frutas é obtida na Central de Abastecimento do Pará (CEASA), na cidade de Belém. A lida (o trabalho) é puxada (difícil), pois os produtos são perecíveis e, se não vender, é prejuízo certo!

Algumas famílias possuem pequenas áreas que são chamadas ‘terreno’ ou ‘lote’, geralmente mais distantes de suas residências. São espaços de cultivo de produtos para subsistência e venda, como a mandioca, a macaxeira, o milho, o feijão, além do plantio de frutas — laranja, tangerina, abacaxi — e de hortaliças. Também, criam animais domésticos (cachorros, papagaios) e mantém criação de aves, além de suínos e algum gado bovino. A produção de farinha é outra atividade familiar e comunitária, mas, segundo indicam Seu Miguel Carvalho da Silva, antigo cacique da aldeia Areal e o próprio Almir, a atividade é desestimulada pelo alto custo de produção e pequena margem de lucro, além do que, a mandioca é comprada de terceiros, justamente pela falta de terras para o plantio, o que encarece os custos da produção.

No Jeju, há duas escolas de ensino fundamental, que são frequentadas pelas crianças da aldeia, as quais nem sempre são bem acolhidas, pois como ensina dona Maria, “os professores não gostam da pintura corporal *Tembé* e assim, alguns professores discriminam as crianças que aparecem pintadas, dizem que nossa pintura é coisa da besta fera (demônio), antes os meninos iam à escola até descalço, hoje é problema.”



Mesmo com dificuldades,
o Jeju é pensado por seus
moradores como recita
Tainara de Souza Gomes

MINHA VILA

*A vila onde vivo
É pequena, mas alegre
Morar nela é divertido
Falar mal ninguém
se atreve
O nome da minha
vila é Jeju*

*Sempre brinco com
meus amigos
Na vila onde eu moro
não tem perigo*